



CÍRCULO DE MULTI LEITURAS: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADES AFRICANAS E BRASILEIRAS NA LITERATURA E NO CINEMA

LAURO JOSÉ DE ASSUNÇÃO ROSA CARDOSO¹, MIRIAN SUMICA CARNEIRO REIS²

Resumo: Procurou-se neste trabalho, iniciar o bolsista ou voluntário na pesquisa sobre representações identitárias em literatura e cinema, propiciando-o a ter acesso a um referencial teórico suplementar às ementas das disciplinas oferecidas na grade curricular regular, ao mesmo tempo em que houve uma promoção da criticidade a partir da problematização de conceitos como identidade, estereótipo e preconceito a partir da leitura de textos de múltiplas modalidades, de modo a produzir relatórios e redigir um artigo científico para divulgação das reflexões resultantes da pesquisa. O bolsista participou dos círculos de multi-leituras promovidos pela coordenação do projeto, com o intuito de potencializar a sua leitura crítica de objetos culturais, e ampliou o seu referencial teórico-crítico para além das ementas de curso, formando e habilitando o pesquisador para o ensino através de textos multimodais que o conscientizaram para uma missão ética de questionamento de paradigmas identitários que perpetuam preconceitos e desigualdade. Dentro do plano de trabalho e pesquisa, particularmente, houve leituras de textos teóricos e críticos que referenciaram as reflexões sobre as seguintes obras: o mito de Orfeu e Eurídice, sua transposição para o filme Orfeu Negro, de Marcel Camus (1959), que já foi exibido na sua totalidade num dos encontros semanais do grupo de pesquisa em questão. Esta obra serviu como referência para uma pesquisa inovadora e criativa, capaz de desconstruir certos paradigmas negativos impostos pela sociedade através de um artigo científico.

Palavras-chave: Intertextualidade, Identidade e Estereótipo.

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, aluno de BHU-Humanidades e voluntário do grupo Literarte – Leituras e outras Linguagens, São Francisco do Conde, e-mail: lauronceboy@gmail.com;

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, professora e orientadora do grupo, São Francisco do Conde, miriansumica@gmail.com.



INTRODUÇÃO

No âmbito deste trabalho, pretende-se dar ênfase aos personagens e ao modo como eles interagem entre si, através das suas representações, tendo em conta o contexto social e temporal em que estão inseridos. Nesta perspetiva, o trabalho irá abordar o processo de representação dos negros brasileiros e a maneira como eles são vistos de forma negativa e estereotipada pelos espectadores mais “ingênuos”, que não possuem uma leitura mais questionadora das imagens fílmicas que surgem diante dos seus olhos. Daí que esse objeto literário e cinematográfico serve de instrumento para produzir reflexões capazes de criar métodos de leitura mais eficazes e destituídos de uma visão preconceituosa ou alienada. Deve-se considerar, por isso, o estatuto que o negro ocupa na sociedade, o de uma entidade grupal que sofre com a discriminação e o racismo, que são norteadores de uma sucessão de factores beneficiadores duma outra entidade grupal: branca.

Procura-se despertar um olhar mais atento dos espectadores em relação aos assuntos referidos acima, que mesmo reproduzidos numa tela ou livro, por vias do Cinema e da Literatura, são representados dentro dos modelos duma realidade que por mais que se aproxime do verossímil, nunca chega a atingi-la plenamente. Deste modo, a susceptibilidade de englobar mensagens cujas funções podem ser tendenciosas e recheadas de aspectos que reforçam estereótipos fica retida no imaginário e proporciona uma visão paradoxal daquela que pode ser vivenciada in loco. Então, a expectativa de quem imaginou e convencionou a obra estética também é merecedora de uma profunda análise, de modo a entender o processo, e em que contexto o autor se baseou para dar corpo ao produto artístico. Levando em consideração o fato de vivermos numa sociedade global primada pelo capitalismo e pela ânsia do lucro, isso promove um vasto número de padrões imagéticos a serem repetidos para sustentar um determinado tipo de gênero, classe, etnia e raça no poder, mediante uma indústria cinematográfica povoada por tal lógica segregacionista.

METODOLOGIA

O presente trabalho tem o objetivo de abordar as seguintes obras: o mito de Orfeu e Eurídice e sua transposição para o filme Orfeu Negro, de Marcel Camus (1959) a partir do estabelecimento duma análise comparativa que problematize conceitos como



identidade, estereótipo e preconceito, dentro da obra cinematográfica e também por via de diversos textos e referências teóricas que muito têm contribuído para a análise em estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A população negra, favelada, vivencia a sua alegria temporária através da música, samba e ambiente festivo no carnaval, tentando disfarçar os seus problemas diários diante da desigualdade social e da falta de melhores condições de vida. A cruel realidade cotidiana é relegada para segundo plano enquanto aquelas pessoas estão comprando fantasias, se divertindo com suas máscaras. Mesmo no começo do filme, a música que chama logo atenção é “A Felicidade” cantada por Tom Jobim e inspirada no poema do Vinicius de Moraes, que se debruça sobre a efemeridade da felicidade em épocas carnavalescas.

Ao longo da análise pode-se constatar que é perceptível que no interior do filme existe uma história de amor que gira em torno da efemeridade da felicidade durante o Carnaval, e da tristeza que é verificada após esses festejos. No entanto, para além dessa concepção tristonha e superficial, a identidade do negro ali na película é representada negativamente, pois, tudo isso descende de um discurso colonial que permanece como herança e que é dependente quanto à construção ideológica do outro, de um conceito chamado “fixidez”, cuja função é de colocar, nesse caso, os sujeitos negros, num lugar de inferioridade permanente, apresentando o colonizado “como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução”, prisioneiro de um processo de subjetivação do conceito duma alteridade “que é ao mesmo tempo um objeto de desejo e escárnio”, ou seja, pautada por uma ambivalência servida como uma tática discursiva e psíquica de reproduções de um poder discriminatório, tanto racista, como sexista. Por isso, para que tudo isso possa ser desconstruído é preciso questionar esse “modo de representação da alteridade” feito através do olhar colonial. (BHABHA, 1998, p. 105, 106 e 107).

Para Bhabha, essa tendência em fixar o outro sistematiza-se de uma maneira dogmática, utilizando o estereótipo (que não é uma simplificação, mas sim uma falsa representação da realidade) como um método estratégico para conhecer, identificar e reter certos indivíduos vistos como “corpos exóticos” num determinado tempo e espaço. Este



procedimento coloca os indivíduos negros em condição sujeita a constantes repetições negativas e contraditórias que reforçam teorias discursivas colonialistas, discriminatórias e racistas de maneira contínua e presente. Daí a ideia do negro brasileiro, presente nesta película cinematográfica, como um ser fixo e condenado a disfarçar toda a sua “pobreza feliz” naquelas festinhas de favela, na compra de fantasias e, por exemplo, no abuso de bebidas alcóolicas, sem pensar num futuro risonho, nas dificuldades passadas perante a desigualdade e as reproduções negativas que lhes são impostas de forma recorrente na sociedade brasileira. O amor feliz entre Orfeu e a Eurídice, personagens negras, começou no início do Carnaval, e terminou tragicamente numa quarta-feira de cinzas, marcando o fim temporário do amor e do idílio. Representando o que disse Vinicius de Moraes no seu poema “A Felicidade”: “A felicidade do pobre parece a grande ilusão do carnaval”. Esse pobre favelado é na sua maioria, negra, que metaforizado pela fugacidade do relacionamento entre Orfeu e Eurídice, simbolizam o verso “Tristeza não tem fim, felicidade sim”, embora, de acordo com Stam (2007), essa dureza da vida tenha sido pouco transparecida durante mais de uma hora de filme.

CONCLUSÕES

Ao longo do presente trabalho, procurou-se levantar questões e críticas quanto à maneira como certos padrões imagéticos e visuais têm sido utilizados para reproduzir estereótipos, preconceitos e discriminações em relação aos afro-brasileiros no Cinema e na Literatura, especificamente na a transposição do mito de Orfeu e Eurídice para o filme Orfeu Negro de Marcel Camus de 1959.

Dessa forma, tentou-se mostrar que, tal como nos livros, a linguagem cinematográfica também tem a capacidade de narrar ou contar uma história, e que mesmo com o estatuto de adaptação, não significa que ela seja menos valiosa que uma narrativa escrita. Ambas estão no mesmo nível, nenhuma deve suplantar a outra.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Tradução: Myrian ávila et al. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1998. (Coleção Humanitas).



CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio. Tradução: Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMUS M. 1959. “Orfeu Negro. Un cœur où bat le sang noir”. Les Lettres françaises, Paris. 21- 27 de maio.

LYOTARD, Jean François. O cinema. In.: Ramos, Fernão Pessoa. Teoria contemporânea do cinema. Volume- I. São Paulo: Editora Senac, 2005.

MARTIN, Marcel. A linguagem cinematográfica. Tradução: Paulo Neves. Revisão técnica: Sheila Sheila Schvarlzman. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2011.

STAM, Robert. Multiculturalismo tropical. São Paulo: Edusp, 2007.

STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade á intertextualidade. Ilha do Desterro Florianópolis nº 51 p. 019- 053 jul./dez. 2006